

*Itinerários historiográficos inexplorados:  
Sérgio Buarque de Holanda na trilha de  
Capistrano de Abreu*

*Lucia Maria Paschoal Guimarães*

Professora Titular de Historiografia e  
Metodologia da História da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A passagem do centenário de nascimento de Sérgio Buarque de Holanda (1902-2002), além das devidas homenagens, constitui momento propício não só para revisitar os percursos intelectuais por ele cumpridos, mas também para dar um balanço crítico na produção desse historiador, que há décadas é referência no panorama cultural brasileiro <sup>1</sup>.

Qualquer estudo sobre Sérgio Buarque corre dois perigos: o primeiro, o mais difícil de evitar, é descambar para os elogios, merecidos certamente, mas que acabam beirando o pieguismo, quando se pretende abordar um clássico das letras nacionais. O outro risco, tão perigoso quanto o primeiro, é cair na repetição. Afinal, pouco se pode acrescentar ao muito que já foi escrito acerca da erudição e das virtudes acadêmicas de um intelectual da sua envergadura, que transitou com sucesso por entre o jornalismo, a crítica literária, a sociologia e a história, cujas contribuições foram analisadas minuciosamente por renomados especialistas, sob múltiplos enfoques. Basta lembrar, dentre outros títulos, três coletâneas de ensaios a ele dedicadas – *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra* <sup>2</sup>, *Sérgio Buarque de Holanda* <sup>3</sup> e *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil* <sup>4</sup>. Isto sem falar nas inúmeras dissertações, teses e monografias que tratam da vasta bibliografia deixada pelo autor de *Raízes do Brasil* <sup>5</sup>.

Para dar uma pequena amostra desse universo, começaremos citando um outro nome de peso no mundo das letras – o crítico e literato Antonio Candido de Mello e Sousa, autor de diversos trabalhos

sobre a obra e a personagem Sérgio Buarque de Holanda. Responsável, inclusive, pela organização e o texto introdutório aos *Capítulos de Literatura Colonial*<sup>6</sup>, publicação póstuma, formada por um conjunto de manuscritos inéditos, descobertos por D. Maria Amélia, viúva de Sérgio.

Antonio Candido considerava-o “(...) uma dessas personalidades da geração de 1922, de um tipo que infelizmente está acabando no Brasil”. Dentre as páginas que consagrou ao colega e amigo fraterno, há que se destacar o belíssimo ensaio *Sérgio, o radical*<sup>7</sup>, texto tributário do *Prefácio*, que escrevera em 1967, para a edição comemorativa do jubileu de ouro de lançamento de *Raízes do Brasil*<sup>8</sup>. Segundo Candido, neste livro “pequeno, discreto e inesgotável” já seria possível identificar as “sementes de um pensamento radical”, cuja reflexão aberta revelaria um “socialista democrático”, buscando compreender como se efetuou entre nós o enraizamento de uma cultura política transplantada, moldada em meio a circunstâncias complexas, sobretudo pela longa vigência da escravidão<sup>9</sup>. Tais premissas, aliás, puseram em evidência o pioneirismo de *Raízes do Brasil* e seu autor, elevando-os ao primeiro plano do cenário intelectual brasileiro do século XX, ao lado de duas outras grandes sínteses da nossa realidade político-social, *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, e *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior<sup>10</sup>.

No âmbito acadêmico, Sérgio Buarque também desfrutava de uma posição ímpar. Em 1956, passou a ocupar a cátedra de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, onde se efetivou por concurso público dois anos mais tarde e lecionou até 1969, quando resolveu aposentar-se, em protesto contra as punições impostas pelo governo militar a diversos colegas de várias universidades brasileiras. Orientou inúmeras dissertações de mestrado e teses de doutoramento, participando de modo efetivo tanto na formação de novos quadros universitários, quanto na renovação da pesquisa histórica ao nível de pós-graduação<sup>11</sup>.

Face à riqueza de temas e abordagens, os trabalhos de Sérgio constituem citação obrigatória para professores e estudantes. Como já se disse, mereceram diversas releituras teóricas, salientando-se as

da Professora Maria Odila Leite da Silva Dias. Organizadora da antologia “*Sérgio Buarque de Holanda*”<sup>12</sup>, livro da conhecida coleção *Grandes Cientista Sociais* (Editora Ática), ela oferece uma visão geral da obra de Sérgio, acompanhada de rigoroso estudo crítico, no qual destaca a influência marcante do método historicista da escola de pensamento alemão, sobretudo ao longo da “(...) primeira fase da sua obra de historiador”, delimitada pela publicação de *Monções* (1945) e de *Visão do paraíso* (1958)<sup>13</sup>. Cabe aqui abrir um rápido parêntese para esclarecer que a Professora entende por historicismo alemão uma visão renovadora do passado, desatrelada do naturalismo a-histórico. Suas marcas características seriam a temporalidade, o processo do vir-a-ser dos fenômenos sociais e um certo relativismo cultural<sup>14</sup>. Concepção de história que procurava reagir não apenas às amarras da estabilidade obrigatória das ciências naturais, como também à necessidade da disciplina estabelecer certos postulados eternos e universalmente válidos. Premissas, cabe mencionar, que o próprio Sérgio Buarque havia desenvolvido no texto *O atual e o inatual em Leopold von Ranke*<sup>15</sup>. Diferente, portanto, do sentido utilizado pelo filósofo Karl Popper para identificar teorias que propõem previsões históricas e que as julgam indispensáveis em qualquer orientação da vida política<sup>16</sup>.

Maria Odila sintetizou a fecunda atividade de investigação empreendida por Sérgio Buarque consoante quatro grandes eixos de reflexão: o primeiro, denominado de *Forma mentis* e *dever histórico*, formado por um conjunto de trabalhos teóricos e artigos relaciona-se à *História intelectual ou das idéias*<sup>17</sup>. O segundo bloco, *Paisagem, cultura e sociedade*, integra textos cujo fio condutor é a constituição do processo de povoamento paulista. Finalmente, sob as rubricas *Formações sociais no Brasil* e *Política e sociedade* documentam-se as contribuições voltadas para o exame das conjunturas sociais e políticas do Brasil nos séculos XVIII e XIX. Aliás, a ex-aluna de Sérgio na Universidade de São Paulo não se limitou apenas a descrever, analisar e grupar os grandes temas privilegiados pelo antigo mestre.

No artigo *Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda*<sup>18</sup>, contempla sua obra segundo os conceitos narrativistas contemporâneos.

Apoiada nas teses desenvolvidas por Frank. R. Ankersmit, reto-

mou a problemática da atração de Sérgio pelo historicismo alemão<sup>19</sup>, estabelecendo instigantes relações entre o seu estilo de escrita e as respectivas interpretações enunciadas, para concluir que ele “viveu plenamente o que os historistas vislumbravam como consciência exorcista do seu tempo”<sup>20</sup>.

Outro conceituado representante da *escola uspiana de história*<sup>21</sup>, o Professor Fernando Novais, apresentaria um novo encaminhamento às reflexões teóricas acerca da obra de Sérgio Buarque de Holanda, no “Prefácio” que interpôs à reedição da coletânea *Caminhos e Fronteiras*, em 1994<sup>22</sup>. Na opinião de Novais, na trajetória intelectual de Sérgio, este livro é o marco da passagem do autor da *sociologia para a história e do ensaísmo para a pesquisa*, além de demonstrar fortes vínculos com a historiografia francesa, em particular o grupo de *Annales*: (...) É gratificante ver Sérgio Buarque praticando um estudo da civilização material em estilo braudeliano *avant la lettre*<sup>23</sup>.

A última afirmativa parece-nos um tanto apressada e superficial, mormente quando examinamos os temas dos ensaios publicados em *Caminhos e Fronteiras*<sup>24</sup>, bem como as respectivas datas de edição original. Tudo indica que os interesses de Sérgio Buarque pela dita *civilização material* seriam muito mais antigos do que supõe Novais. A par disso, evidenciam laços com uma outra linhagem historiográfica, bem brasileira por sinal<sup>25</sup>, inaugurada pelo historiador cearense João Capistrano de Abreu (1853-1927).

As pistas da admiração de Sérgio Buarque de Holanda por Capistrano de Abreu encontram-se em uma resenha pouco divulgada no meio universitário, sobretudo o paulista, talvez por ter aparecido no suplemento cultural de um diário carioca. Referimo-nos ao estudo crítico intitulado “*O pensamento histórico no Brasil, os últimos 50 anos*”, publicado no *Correio da Manhã* em 15 de junho de 1951<sup>26</sup>.

Trata-se de leitura obrigatória, que não só ajuda a reconstituir parte do itinerário historiográfico de Sérgio, mas também oferece uma visão geral da produção brasileira, no período compreendido entre 1900 e 1950. Isto porque, ao esboçar os percursos e as encruzilhadas da nossa historiografia, ele ultrapassaria práticas convencionais, como a

simples enumeração de autores e livros, para deter-se na análise dos referenciais teóricos mais utilizados. Nessa passagem pontual, *visitou* ainda arquivos e instituições de guarda de documentos, identificou acervos, ora examinando fontes então disponíveis, ora avaliando seu potencial de exploração no futuro. Distinguia, ainda, uma chave-mestra capaz de abrir as portas daquele meio século de pesquisa e produção histórica: a obra de Capistrano de Abreu.

Se, por um lado, argumentava que somente por vias indiretas era possível avaliar as dimensões do pensamento histórico de Capistrano, por outro atribuía-lhe, sem dificuldade, o “(...) primeiro passo para ampliar decisivamente suas perspectivas”. Julgava que, à exceção da vultosa busca documental empreendida por Varnhagen nos anos oitocentos, o historiador cearense foi quem melhor revelou, valorizou e bem aproveitou os testemunhos escritos da nossa formação nacional. Capistrano “(...) sabia, no entanto, que esses documentos só falam verdadeiramente aos que ousam formular-lhes as perguntas precisas e bem pensadas”<sup>27</sup>.

E a prática do inquérito, continuava Sérgio, deve apoiar-se num “espírito informador”, expressão por certo tomada de empréstimo ao idealismo hegeliano, mas que hoje em dia poderia ser perfeitamente associada ao que denominamos de referencial teórico da pesquisa. Na esteira desse raciocínio, reconhecia, a princípio, a presença de traços do cientificismo oitocentista no historiador cearense. Ressalvava, porém, que: “(...) dos princípios positivistas e evolucionistas só guardaria obstinadamente o senso da medida, da precisão, do rigor dos raciocínios, que retém a imaginação dentro dos limites plausíveis,...”<sup>28</sup>.

É oportuno lembrar que qualidades semelhantes, Sérgio Buarque iria salientar anos mais tarde, a propósito da contribuição de um outro eminente historiador, Leopold von Ranke. Empenhado em estruturar “(...) os estudos históricos (...) sobre métodos rigorosamente científicos (...) oposto de um simples cronista”. Escritor capaz de (...) *aprender os fatos particulares, saber revivê-los em suas pulsações, para que se integrem, afinal, em quadros amplos, onde ganham dimensão e significado*<sup>29</sup>. A par disso, cabe acrescentar que Ranke, no entender de Capistrano de Abreu, fora o grande responsável pela renovação da fisionomia da

pesquisa histórica, conforme se lê, em carta por ele endereçada ao Barão Studart, provavelmente datada de 1903<sup>30</sup>.

De todo modo, Sérgio Buarque identificaria as premissas do *programa* de trabalho desenvolvido por Capistrano nos *Capítulos da História Colonial* (1907), que na sua opinião representavam um divisor de águas da historiografia brasileira: “(...) os aspectos políticos e os que dependem da pura ação individual, dificilmente redutíveis a qualquer determinismo, cedem passo a outros, aparentemente mais humildes e rasteiros, que mal encontravam guarida na concepção tradicional da história”<sup>31</sup>. Logo em seguida, procurava demonstrar, na prática, os resultados dessa nova via de interpretação:

(...) Assim é que às guerras flamengas, por exemplo, um dos temas diletos dos antigos historiadores, (Capistrano) consagra apenas trinta e poucas páginas, contra mais de cem devotadas ao povoamento do sertão; (...) E no povoamento do sertão distingue expressamente as expedições colonizadoras, que alcançariam influência perdurável, e outras, que lhe parecem apenas despovoadoras e devastadoras: só as primeiras o interessam vivamente. (...). À própria Inconfidência, movimento político explicável pela influência de idéias adventícias, que não se entranharam em nossa tradição vinda dos primeiros tempos de colônia, reage por um silêncio sintomático e certamente deliberado.<sup>32</sup>

Em que pese o pioneirismo, esse *programa* não teve reflexos imediatos na produção historiográfica nacional. Nem no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de onde Capistrano era membro efetivo, nem no círculo intelectual que se formara ao seu redor, integrado por João Pandiá Calógeras, Guilherme Studart, Rodolfo Garcia e outros. O novo enfoque trazia em seu bojo “uma reflexão individualizante e historicizante”<sup>33</sup>. Um tipo de abordagem que permitia ao historiador voltar-se para as peculiaridades do país, apontando-lhe as *sobrevivências arcaicas*. Ora esta perspectiva nos remete outra vez ao historicismo alemão, tal qual foi conceituado por Maurice Mandelbaum, ou seja, “(...) a crença de que uma compreensão adequada da natureza de qualquer fenômeno e um adequado julgamento do seu valor aumen-

tam se o considerarmos em termos do lugar que ocupa e do papel que ele desempenha no processo de desenvolvimento <sup>34</sup>.

Mas voltemos novamente ao “espírito informador” de João Capistrano de Abreu, que Sérgio Buarque de Holanda tanto elogiava na resenha do *Correio da Manhã*. Destacava-lhe “(...) uma sensibilidade aguçada à importância da ação dos fenômenos cósmicos – da terra, do meio e do clima – sobre as instituições humanas”. Sensibilidade esta que Capistrano demonstrara, de um lado, por meio da tradução e da divulgação de antropólogos alemães e de geógrafos <sup>35</sup>. E, de outro, na própria produção do conhecimento histórico, quando procurou incorporar à pesquisa os *progressos da geografia*, o que lhe permitiu identificar o valor da paisagem natural na formação e evolução dos grupos humanos <sup>36</sup>, enquanto a antropologia servia-lhe como via necessária para refletir sobre os processos históricos, notadamente pelo viés da análise cultural. Tais preocupações, podemos acrescentar, seriam recorrentes tanto na obra, como também nos diálogos que Capistrano manteve com diferentes interlocutores. Dirigindo-se a Mário de Alencar, em 1915, por exemplo, afirmava em tom jocoso: “(...) viro as costas à História; não lhe faltarão Tácitos e Suetônios: os pobres índios sumir-se-ão do mundo; quero apenas que não vão sem acompanhamento ao túmulo” <sup>37</sup>.

De um modo geral, revelava especial interesse por certos aspectos que em dia hoje seriam caracterizados como elementos da *cultura material*. Escrevendo a Paulo Prado, alertava-o para peculiaridades da dieta alimentar dos paulistas herdadas dos índios, a exemplo do hábito de comer formigas tanajuras “(...) Içá torrado naturalmente não dispensava carne de porco” <sup>38</sup>. De outra feita, recomendava-lhe, mais uma vez, atenção redobrada aos costumes indígenas, preservados pelos mamelucos na capitania de Martim Afonso de Sousa:

(...) Sobre as estradas de índio há qualquer cousa (...) Mas não precisa perder tempo em investigação. Basta lembrar que os animais não existiam, que as cargas iam nas cabeças e nos ombros; que os índios costumavam andar a um de fundo; que os cacarecos limitavam-se a cuias, cabaças, alguma frigideira

para torrar a massa de mandioca. Talvez nas migrações levassem algum doente em rede enfiada num pau, carregada por duas pessoas <sup>39</sup>.

Capistrano também já se mostrava sensível para a importância da economia nos estudos históricos. Nos *Capítulos de história colonial*, ao lado das características geográficas do território, ele analisaria as atividades econômicas predominantes em cada espaço, apontando-lhes as diferenças, os contrastes, enfim desvendando *múltiplos Brasis* nas suas formas de sobreviver e de viver <sup>40</sup>.

A essa abordagem, denominada mais tarde de interdisciplinar, pela historiografia francesa herdeira de *Annales*, Sérgio Buarque chegou pela mão de Capistrano, sobretudo naquelas contribuições dedicadas à temática *Paisagem, cultura e sociedade* <sup>41</sup>. Assim, conquanto o objeto de *Monções* e de *Caminhos e Fronteiras* seja a história dos paulistas antigos, a problemática desenvolvida em ambos contempla a trajetória das populações mamelucas, que viviam no entrecruzamento de duas culturas, equilibrando-se na tensão entre a mobilidade – o caminho, a penetração fluvial (monção) e o sedentarismo – a fronteira, onde tradições de natureza diversa se combinavam, produzindo técnicas, costumes, atitudes, artefatos... Em última análise, não se tratava de constatar a difusão de traços culturais, mas sim de perceber de que modo a vida daquelas populações fora definida por circunstâncias históricas, marcadas pela complexidade, pelo mecanismo de trocas, por sínteses e soluções culturais.

Em *Monções* (1945), Sérgio traz para o primeiro plano o contraste entre a colonização litorânea e açucareira e o processo de formação da sociedade que se constituiu na região de Piratininga. Revela que costumes e valores da metrópole propagaram-se muito lentamente no planalto paulista, articulando tamanha morosidade aos obstáculos do meio físico. Ou seja, inspira-se nos mesmos pressupostos desenvolvidos por Capistrano de Abreu, para quem “(...) asperezas do caminho (que) dificultavam o trato entre o interior e o litoral do Brasil” <sup>42</sup>. Deste modo, salienta que no planalto, durante os primeiros tempos, prevaleceram os padrões rudes e primitivos da população nativa, lembrando ainda que naquela região o idioma dos reinóis só conse-

guiria suplantar inteiramente a língua *geral*, falada pelo gentio, no século XVIII. Donde conclui que a ação colonizadora realizou-se por uma adaptação contínua, tal qual “(...) a consistência do couro, não a do ferro ou a do bronze, dobrando-se, ajustando-se, amoldando-se a todas as asperezas do meio”<sup>43</sup>.

Não vem ao caso discorrer sobre os diversos aspectos da *cultura material* abordados em *Monções*, entretanto, à guisa de exemplo, vale mencionar o tratamento que o autor dispensa à canoa, principal meio de transporte tanto de mareantes, quanto de sertanistas. A começar, pelos comentários sobre a técnica de confecção, que conservou quase intacta a tradição indígena e cuja evolução deve ser atribuída aos percalços das viagens, que acabaram por adicionar à embarcação uma cobertura. Evidencia, também, a utilização dos rios como vias de penetração – rotina introduzida pelos paulistas e que mais tarde seria transplantada para o extremo norte. Revela que as longas jornadas fluviais, por sua vez, implicaram na necessidade do uso de vestimentas simples e rústicas, da adoção de uma dieta baseada no milho, gênero de transporte fácil em qualquer bornal, cujas sementes eram germinação rápida. Do mesmo modo, comprova a preferência generalizada pelo toucinho, outro alimento que se mantinha conservado durante os árduos trajetos sertão adentro. É interessante observar que a predileção pelo toucinho, conforme já havia percebido Capistrano de Abreu, constituía um forte indício da presença dos paulistas ou dos seus descendentes no interior da América Portuguesa<sup>44</sup>.

Tributária, em muitos pontos de *Monções*, *Caminhos e Fronteiras* é obra de maior complexidade. Publicada pela primeira vez em 1957, conforme já dissemos, reúne conjunto de monografias, que versam sobre a vida cotidiana de São Paulo na época colonial, editadas em revistas nacionais e estrangeiras.

Organizada em três núcleos, o primeiro, intitulado *Índios e mamalucos*, narra os primórdios da colonização, privilegiando situações surgidas do encontro entre nativos e adventícios, para demonstrar o modo como o colonizador europeu incorporou padrões de conduta e elementos da *cultura material* próprios da população primitiva. Assim,

em *Veredas de pé posto*, por exemplo, trata de uma dessas habilidades indígenas que sobreviveram à mestiçagem, isto é, a capacidade de se orientarem na mata por pegadas e ramos quebrados. Recursos transmitidos pelas índias aos seus filhos mamelucos, e “(...) quase certamente aos pioneiros brancos (...) que nas terras de Piratininga tiveram de imitar seus hábitos para resistir à hostilidade do meio”<sup>45</sup>. Expedientes, aliás, que não passaram despercebidos aos olhos atentos de Capistrano de Abreu<sup>46</sup>.

As duas outras partes do livro – *Técnicas rurais* e *O Fio e a teia* – são integradas por ensaios que focalizam o processo de diluição desse legado cultural, ocorrido nos primeiros tempos e a lenta recuperação subsequente. A herança indígena acentua-se no segundo núcleo, sobretudo nos textos “Uma civilização do milho” e “Monjolo”, em que Sérgio Buarque recupera a idéia da existência de uma espécie de *complexo do milho*<sup>47</sup>, que se estendia do centro-norte de Minas Gerais até o norte do Rio Grande do Sul, abrangendo grande parte de Goiás e do Mato Grosso, enunciada por Capistrano em *Capítulos de história colonial*<sup>48</sup>.

Finalmente, na terceira parte do livro, por sinal a menor, Sérgio trata de umas poucas *técnicas adventícias* e atividades que praticadas nos meios urbanos sofreram influências de costumes externos, a exemplo da tecelagem de redes e panos.

Mas, se *Caminhos e Fronteiras* é um marco inovador, não perde de vista a melhor tradição historiográfica brasileira. *Vida e Morte do Bandeirante*, de Alcântara Machado, encontra-se presente em muitos pontos. Do mesmo modo, a *História geral das bandeiras paulistas*, de Afonso de Taunay. Porém, foi na trilha aberta por Capistrano de Abreu, que diversas vezes manifestou a intenção de escrever uma *história sertaneja*<sup>49</sup>, por sinal nunca concretizada, que Sérgio Buarque de Holanda se aventurou de peito aberto. Principalmente durante sua primeira fase de historiador (1945-1958). Resgatou uma parte importante da história dos paulistas antigos, fazendo-nos crer que tomara ao pé da letra as sugestões que Capistrano ofereceu a seu ex-aluno Afonso Taunay: “(...) *A grande época dos paulistas é o século XVII. (...) reserve você para si o melhor naco, deixe os miúdos para quem deles gostar*”, argumentava o mes-

tre, aconselhando Taunay a desistir de um projeto dedicado à história dos capitães-generais de São Paulo <sup>50</sup>.

Se Afonso d'Escragnolle Taunay mereceu da crítica as reverências de herdeiro de Capistrano de Abreu, em razão da sua *História geral das bandeiras* <sup>51</sup>, Sérgio Buarque de Holanda soube melhor do que ninguém palmilhar o itinerário historiográfico traçado pelo historiador cearense. Revelou-se o discípulo mais aplicado daquela linhagem.

### Notas e Referências Documentais

1. Antonio Candido, "O significado de *Raízes do Brasil*". In: HOLANDA, Sérgio Buarque, *Raízes do Brasil*, 26ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.10.
2. *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988.
3. *Sérgio Buarque de Holanda*. Colóquio UERJ. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1992.
4. Antonio Candido (org.), *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.
5. Ver a esse respeito o recente artigo de Maria Odila Silva Dias, "Dialogando com Sérgio Buarque de Holanda", *Ciência e Cultura* – Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, São Paulo 1(54): 68-69, julho/agosto/setembro de 2002.
6. Antonio Candido (org. e int.). *Sérgio Buarque de Holanda, Capítulos de literatura colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
7. Antonio Candido, "Sérgio, um radical". In: *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura: Arquivo do Estado/Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988.
8. Antonio Candido, "Prefácio". In: HOLANDA, Sérgio Buarque, *Raízes do Brasil*, 7ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
9. Idem, *Sérgio, um radical*. Op. cit. p.63-65.
10. Id. Ibidem.
11. Veja-se José Roberto do Amaral Lapa, *Historiografia Brasileira. A história em questão*. Petrópolis: Vozes, 1976, p.79-109.
12. Maria Odila Leite da Silva Dias (org.), *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ed. Ática, 1985. (Coleção Grandes Cientistas Sociais nº 51).
13. Id. Ibidem, p.10.

14. George Iggers. Apud: Maria Odila Leite da Silva Dias (org.). Idem, p.11.
15. Sérgio Buarque de Holanda, "O atual e o inatual em Leopold von Ranke". In: \_\_\_\_\_ (org.), *Ranke*. São Paulo: Ática, 1979, p.8. (Coleção Grandes Cientistas Sociais nº8).
16. Id. Ibidem.
17. Maria Odila da Silva Dias, "Sérgio Buarque de Holanda, historiador", In: *Sérgio Buarque de Holanda*, Op. cit. p.54.
18. Idem, "Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda", *Revista de História*, São Paulo, USP, 122:72-79, janeiro-julho de 1990.
19. Sobre os pressupostos teóricos desenvolvidos por esse autor, ver também, F. R. Ankersmit, "Historicism: an attempt at synthesis". *History and Theory*, Middletown, 34 (3): 143-161, 1995.
20. Maria Odila da Silva Dias, "Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda", Op. cit. p. 77.
21. A expressão é de Vera Ferlini, Maria Helena Capelato e Raquel Glezer. Cf. , Maria Helena Rolim Capelato (org.), *Produção histórica no Brasil 1985-1994*. São Paulo: Xamã, 1995, p.15.
22. Fernando A. Novais, "Prefácio". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de, *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, pp .7-8.
23. Id. Ibidem.
24. *Caminhos e fronteiras* fora lançado originalmente em 1957, contudo os artigos ali transcritos foram editados entre as décadas de 1940 e 1950.
25. Vale acrescentar que Laura de Mello e Souza já tangenciou esta questão. Cf. Laura de Mello e Sousa, "Sérgio Buarque de Holanda entre a história e a sociologia". *Jornal de Resenhas/ Folha de São Paulo/ Discurso Editorial/ USP*, São Paulo, 1:10-11, de 3 de abril de 1995. Ver, também: Ricardo Musse, "Além da história literária". Idem, p.11.
26. Sérgio Buarque de Holanda, "O pensamento histórico no Brasil durante os últimos cinquenta anos". *Correio da Manhã - Suplemento Cultura Brasileira*, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1951, p. 1-3.
27. Id. Ibidem, p.1
28. Id. Ibidem.
29. Sérgio Buarque de Holanda, "O atual e o inatual em Leopold von Ranke", Op.cit., pp. 15-17.
30. Ver João Capistrano de Abreu, "Carta de (...) a Guilherme Studart de [1903?]. In: \_\_\_\_\_, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, vol.1, edição organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues, 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977, p.165-166.
31. Id. Ibidem.
32. Id. Ibidem.

33. Sérgio Buarque de Holanda, "O atual e o inatual em...". Op. cit., p. 9.
34. Maurice Mandelbaum. Apud: F.R. Ankersmit, "Historicism: an attempt at synthesis". *History and Theory*, Middletown (USA), 34 (3): 143-161, 1995.
35. Dentre os antropólogos, salientava-se Kirchhoff (*O Homem e a Terra*), voltado para as relações recíprocas entre o homem e o meio. Dentre os geógrafos, citam-se Wappoeus (*A Terra e o Homem*), e Selin, que se ocupou especificamente do estudo do nosso território (*Geografia Geral do Brasil*). Ver Capistrano de Abreu, "Carta de (...) a Guilherme Studart [de Junho (?), 1902]". \_\_\_\_\_, In: *Correspondência*, Op. cit., p. 158.
36. Não é demais lembrar que Capistrano nos *Capítulos de história colonial*, na parte intitulada "Três séculos depois", abre espaço para o estudo da população e sua distribuição geográfica, acompanhado do exame das características de cada região, a bacia amazônica, o extremo sul, o litoral, o centro, *os sertões de fora e os de dentro*. Cf. João Capistrano de Abreu, *Capítulos de história colonial*, Rio de Janeiro: 1907, p. 204.
37. João Capistrano de Abreu, "Carta de (...) a Mário de Alencar, de 6 de setembro de 1915. \_\_\_\_\_, In: *Correspondência*, v.1, Op.cit. p. 239.
38. Idem, "Notas críticas que acompanham o final da correspondência com Paulo Prado". Idem, *Correspondência*, v.2, p. 483.
39. Idem, "Carta de (...) a Paulo Prado", de 28 de janeiro de 1923. Idem, p. 437.
40. A expressão é de Ronaldo Vainfas. Cf. \_\_\_\_\_, "Capítulos de história colonial". In: Lourenço Dantas Mota (org.), *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*. 2ª edição. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1999, v.1, p. 186.
41. A expressão é de Maria Odila Leite da Silva Dias. Cf. Maria Odila Leite da Silva Dias, "Sérgio Buarque de Holanda, historiador", Op.cit., pp. 56-58.
42. João Capistrano de Abreu, *Capítulos de história colonial*, Rio de Janeiro, 1907, p. 235.
43. Sérgio Buarque de Holanda, *Monções*. 2ª edição. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976, p. 20.
44. João Capistrano de Abreu, *Capítulos de história colonial*, Op. cit., p.187.
45. Sérgio Buarque de Holanda, "Veredas de pé posto". In: \_\_\_\_\_, *Caminhos e fronteiras*, Op. cit., pp. 19-35.
46. João Capistrano de Abreu, *Capítulos de história colonial*, Op. cit., p. 190.
47. Sérgio Buarque de Holanda, *Caminhos e fronteiras*, Op. cit., p. 12.
48. Cf. João Capistrano de Abreu, *Capítulos de história colonial*, Op. cit., p. 191.
49. Ver, por exemplo, Capistrano de Abreu, "Carta de (...) a João Lucio de Azevedo" de 9 de março de 1918. In: *Correspondência*, vol. 2, Op. cit., p. 86.
50. Idem, "Carta de (...) a Afonso Taunay", dia de S. Bertoldo e S. Columbano [1904?]. In: *Correspondência*, vol. 1, Op.cit. p. 276.
51. Cf. José Honório Rodrigues, *Teoria da história do Brasil: introdução metodológica*. 5ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, p. 201.